

são, pois as cartas precisavam ser feitas em um papel mais grosso e a impressora que estava disponível na escola, por ser um pouco mais antiga, não era capaz de concluir a reprodução da imagem, sendo necessário realizar em uma gráfica. Os alunos participaram da criação do jogo, personalizando e enfeitando as cartas do baralho com desenhos, dando a elas um caráter único.

A primeira versão do Bafo Afro foi composta pelos ícones da luta negra que foram apresentados e trabalhados com os alunos do terceiro ano, como a Dandara, o Ben Carson e o Zumbi dos Palmares, além de outros grandes nomes, como o professor Oliveira, cada um com uma pontuação específica. No Bafo Afro, todas as mulheres possuem uma pontuação maior do que a dos homens, pois o jogo busca incentivar a valorização da mulher negra, tendo em vista que ela é a que enfrenta mais desafios no Brasil. Segundo Perla, para jogar o Bafo Afro, os alunos foram separados em grupos e um integrante de cada deveria ir à frente da turma e bater e apresentar para os colegas o personagem presente na carta virada.

Atualmente, a professora refez o Bafo Afro e construiu, com o auxílio do artista Max Leidemer, um design profissional e uma caixa própria personalizada. “Pela simplicidade que eu acho que deu muito certo, sabe? Porque os alunos participaram da construção [...] E esse jogo vem da realidade deles, então eu não precisei ensinar as regras, pelo contrário, eles é que ensinaram.” Além do Bafo Afro, Perla lançou mais um jogo de cartas, que tem como temática “mulheres negras latino-americanas e caribenhas”. Os dois jogos são comercializados por um valor acessível e podem ser adquiridos por meio de um contato pelo Instagram. “Quando eu trabalho em sala de aula essa história, é pensando que essas crianças não precisam passar por isso [falta de representatividade], que elas podem conhecer uma história que os livros não contam, eu sempre digo isso pros meus alunos, os livros não contam, mas é a nossa história e nós precisamos contá-la”, complementa Perla.

DICIONÁRIO DA ALFABETIZAÇÃO

PEDAGOGIAS DECOLONIAIS

Pedagogias Decoloniais é um conceito novo que surgiu nos debates brasileiros nos últimos 15 anos. Tem sua origem a partir de uma rede de pesquisas denominada “Modernidade/Colonialidade”, constituída no início dos anos 2000 e que apresentou formulações teóricas de alguns intelectuais latino-americanos que buscavam propor uma nova perspectiva epistêmica de interpretação da realidade latino-americana. Esses intelectuais apresentaram uma construção alternativa à modernidade eurocêntrica, tanto no seu projeto de civilização quanto em suas propostas epistêmicas. E nessa, o conceito de colonialidade é central. Colonialidade significa um padrão de poder que emerge junto ao colonialismo moderno, que não se refere somente à relação de poder político entre povos ou nações, mas à forma como as relações de trabalho, de autoridade, de conhecimento, e das relações intersubjetivas se articulam entre elas, através do mercado capitalista e da ideia de raça. Contrapondo-se à colonialidade, algumas pesquisadoras cunham o termo Pedagogias Decoloniais. O termo decolonial faz referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista e a tentativa de construção de um projeto teórico de repensamento crítico e transdisciplinar para se contrapor ao padrão de poder colonial eurocêntrico.

Pedagogias decoloniais, portanto, é a expressão da crítica teórica e militante à colonialidade e uma práxis pedagógica insurgente e propositiva. É o pensamento e a intervenção na realidade a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade. São atos políticos interculturais e contra todas as formas de exploração e opressão constituídas pela Modernidade/Colonialidade. Pedagogias decoloniais é a produção de conhecimento junto/com os movimentos sociais; é aprender a desaprender as marcas coloniais de nossa formação e reaprender novas perspectivas de mundo; enfim, é aprender a desaprender para reaprender novas posturas, novas ações de luta, novas ideias para um Bem Viver.

Luiz Fernandes de Oliveira – Militante do Instituto Búzios e Ogã do Ilê Axé Iyá Nassô Oká – Ilê Oxum. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas (GPMC). Professor da Licenciatura em Educação do Campo, do Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRJ e Doutor em Educação pela PUC – Rio.